

A DINÂMICA DE COMERCIALIZAÇÃO DO PEQUI NA MICRORREGIÃO DE MONTES CLAROS NO NORTE DE MINAS GERAIS

Autores: MARIA TEREZA PEREIRA DOS SANTOS, GRAZIANO LEAL FONSECA, MARIA IVETE SOARES DE ALMEIDA, MARCOS ESDRAS LEITE

INTRODUÇÃO

O Cerrado abriga grande riqueza de espécies em todas as suas fitofisionomias que servem como base de sobrevivência cultural e material para habitantes de comunidades rurais e povos tradicionais, (MEDEIROS, 2011). Estes têm como fonte de renda principal ou complementar o extrativismo, a produção de uma diversidade de produtos alimentícios, aromáticos, medicinais, madeira e matéria prima para artesanato além de caça e pesca (MEDEIROS, 2011 e HOMMA, 1993). O Cerrado é uma base de recursos materiais que pode perpetuar um ciclo de geração de renda para um grande número de famílias, contribuindo com o desenvolvimento local e regional, além de contribuir com a preservação do Bioma. (POZO, 1997).

O Pequi é um dos inúmeros produtos extraídos do Cerrado com potencial para comercialização. Este fruto é uma espécie de ampla distribuição geográfica, podendo ser encontrada nos estados de Goiás, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais (LORENZI, 2002). A espécie pode ser regionalmente conhecida como pequi, piqui, piquiá-bravo, amêndoa-de-espinho, grão-de-cavalo, pequiá, pequiá-pedra, pequerim, suari e piquiá. (SANTOS et al., 2004). Na região Norte de Minas o fruto é conhecido como pequi.

O desenvolvimento da cadeia produtiva do pequi em Minas Gerais é uma alternativa que contribui com o desenvolvimento de regiões mais pobres do Estado. Entretanto a quantidade de dados na literatura é ainda incipiente, necessitando, portanto, de estudos que ampliem essas informações, identifiquem os municípios potencialmente produtores e desvele a rede de relações sociais, econômicas e culturais que constitui a cadeia produtiva do pequi no Estado. Nessa perspectiva, estudos que se debrucem sobre os arranjos produtivos do pequi se fazem necessários para que se possam identificar os gargalos de sua cadeia produtiva, oferecendo subsídios técnicos para elaboração de políticas públicas e fortalecimento dessa cadeia.

Em consonância com a demanda levantada, o presente trabalho foi elaborado a partir de resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado “Extrativismo do Pequi em Minas Gerais: potencial produtivo, aspectos culturais e ambientais, socioeconomia e organização comunitária[1]”, cujo objetivo é analisar e descrever os aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais relacionados à cadeia produtiva do pequi no Estado.

A guisa da apresentação, o presente trabalho tem como objetivo destacar a dinâmica de comercialização do pequi na microrregião de Montes Claros no Norte de Minas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta área estão localizados os principais municípios produtores de pequi em Minas Gerais. O Norte do Estado é formado por dezenas de municípios de pequeno porte, caracterizados por uma baixa taxa de urbanização, com o dinamismo da economia mais limitado, predominantemente sustentada na agropecuária de subsistência e no extrativismo (FREDERICO, 2009), além de serviços.

Essa microrregião é composta por 22 municípios. Dentre eles de acordo com o IBGE 13 municípios são produtores de pequi[2].

Para a obtenção dos resultados dessa pesquisa o levantamento de dados foi conduzido por etapas, divididas em pesquisa bibliográfica, levantamento e análise de indicadores sociais e econômicos publicados por instituições oficiais de estatística, trabalho de campo com realização de entrevistas, visitas as Ematers e a comunidades rurais.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar de ter um ciclo de produção curto, o extrativismo do pequi se destaca como a principal fonte de renda para centenas de famílias habitantes de várias comunidades rurais que compõe a microrregião.

Quanto a dinâmica organizacional da estrutura comercial da cadeia produtiva do pequi na microrregião, pode-se dizer que ela se estrutura basicamente na interdependência entre quatro ou cinco agentes dependendo do município. Portanto, para diferenciarmos esses agentes, utilizaremos os termos já definidos por Azevedo (2008), que os definem como: compradores locais, compradores regionais e compradores inter-regionais. Além desses três agentes, identificamos ainda o extrativista e dependendo do município o fazendeiro arrendador.

Dessa forma, os extrativistas são responsáveis por coletar o pequi. Os compradores locais são moradores das próprias comunidades e responsáveis por comprar o pequi dos extrativistas mais próximos. Normalmente eles passam diariamente nas casas dos catadores comprando o pequi. Na maioria das vezes os compradores locais e sua família também são extrativistas. Este agente é o intermediador na relação comercial entre o extrativista e os compradores regionais. Estes últimos compram o pequi junto aos compradores locais que muitas vezes já trabalham para eles.

Nos municípios de Campo Azul, Ubaí e em alguns lugares de Brasília de Minas, existe ainda os fazendeiros que arrendam suas fazendas para os compradores regionais, os quais contratam pessoas para fazer a coleta do pequi.

A Figura 1 ilustra como ocorre a dinâmica de comercialização desde o momento que o pequi é coletado até ser vendido para os compradores inter-regionais em outras cidades e estados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sistema o qual se constituiu a cadeia produtiva do pequi na microrregião de Montes Claros, o comprador regional se consolidou como o agente central, responsável pela articulação de uma rede de atividades socioeconômicas que movimenta toda a cadeia de produção do pequi na região. Ele é o elo que estabelece a intermediação entre oferta e demanda do fruto, criando uma rede comercial entre extrativistas, compradores locais, caminhoneiros que transporta o pequi e os comerciantes que adquirem o fruto nas cidades de destino.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Universidade Estadual de Montes Claros pelo suporte disponibilizado quanto ao transporte. Agradece também a Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas – FAPEMIG pelo incentivo à pesquisa.